

# Uma introdução ao crime e à sensação na Literatura Vitoriana

Tassiane Santos<sup>i</sup>

## RESUMO

A Era Vitoriana, período que vai de 1837 até 1901, foi marcada por alguns contrastes, pois, apesar de conservadora e moralista, viu surgir prosas ficcionais que se baseavam em temas escandalosos e controversos. O crime fazia parte do cotidiano dos vitorianos, que poderiam ser vítimas de casos macabros, como os assassinatos de Jack, o estripador, ou poderiam se tornar leitores de gêneros literários surgidos naquela época e que contemplavam os temas criminais, a exemplo do romance de Newgate, ficção de sucesso entre 1830 e 1840, e dos romances de sensação que apareceram a partir de 1860.

**Palavras-chave:** Literatura Vitoriana; Romance de sensação; Febre detetivesca.

## ABSTRACT

The Victorian Era, the period from 1837 to 1901, was marked by some contrasts. Despite being a conservative and moralist era, it saw the emergence of a fictional prose based on scandalous and controversial themes. Crime was part of the daily life of Victorians who could either be victims of macabre cases, such as the Jack the Ripper's murders, or could become readers of literary genres that emerged at the time and that contemplated criminal themes, as the case of the Newgate novel, a successful fiction between the 1830s and 1840s, and the sensation novels that emerged from the 1860s.

**Keywords:** Victorian Literature; Sensation Novel; Detective fever.

## *CRIMEMANIA E SENSATIONMANIA*

A ascensão do espiritualismo importado dos Estados Unidos e o desejo de comunicação com os mortos não foram os únicos componentes macabros do imaginário vitoriano, período que compreende o longo reinado (1837–1901) da rainha Alexandrina Vitória (1819–1901). A taxa de mortalidade de crianças, os produtos químicos utilizados

---

<sup>i</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). tassianedamiao@gmail.com

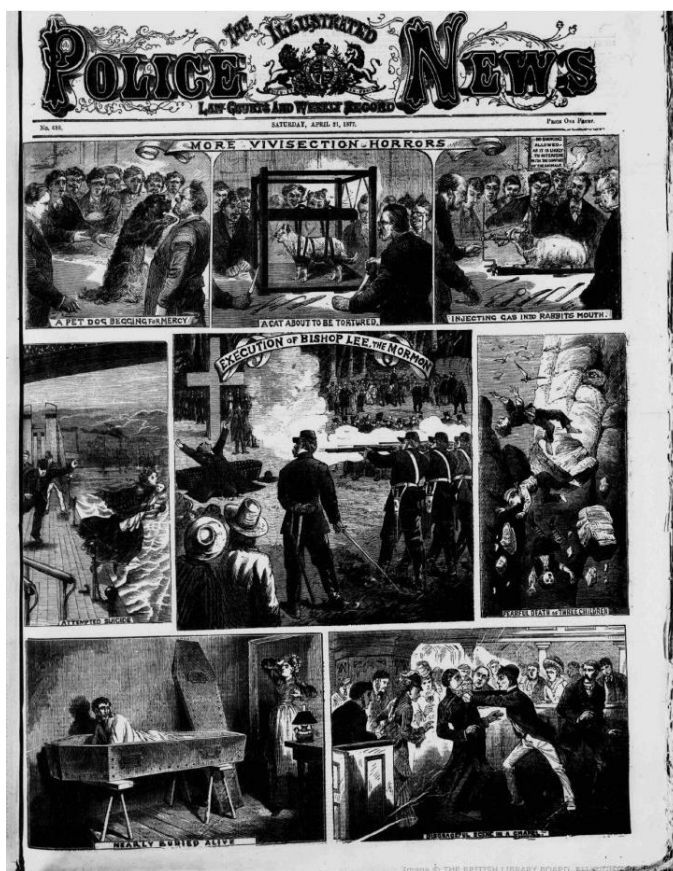
indiscriminadamente na confecção de roupas e até os assassinos em série faziam com que os ingleses sentissem que a morte estava à espreita. A prosa de ficção dialogava com essa realidade repleta de casos extraordinários envolvendo escândalos, *freak shows* e violência.

Na Londres vitoriana, a expectativa de vida entre as classes mais baixas chegava apenas aos 30 anos (HELOISA, 2020. p. 323). Muitos cidadãos, por conta da miséria, recorriam às *workhouses* onde trabalhavam quase ininterruptamente em troca de acomodação e alimento: “Arriscando sua saúde mental e física, laborando em condições bárbaras e despidos de sua dignidade humana, muitos adoeciam e acabavam morrendo. Até o seu fim, em 1948, as *workhouses* contabilizaram mais de cinco milhões de mortos” (p. 323).

Além disso, havia o perigo constante de se tornar vítima de algum *serial killer* como Margaret Waters, o Assassino do Torso do Tâmesa ou Jack, o Estripador<sup>1</sup>.

Esse ambiente violento ganhava as manchetes de jornais como o *The Illustrated Police News*, fundado em 1843. O periódico trazia ilustrações chocantes de crimes e notícias bizarras: “O *Illustrated Police News* foi um dos primeiros tabloides britânicos e um dos primeiros periódicos a explorar o apetite mórbido do público britânico por crime e sensação”<sup>2</sup> (THE ILLUSTRATED POLICE NEWS..., 2016, s.p., tradução nossa). Considerado “o pior jornal da Inglaterra”, era famoso pelo sensacionalismo e pela obscenidade das imagens que despertavam ainda mais a curiosidade dos leitores vitorianos.

**Imagem 1:** Página do *The Illustrated Police News* de 21 de abril de 1877.



Fonte: <https://blog.britishnewspaperarchive.co.uk/2016/04/19/the-illustrated-police-news-the-worst-newspaper-in-england>. Acesso em 19 jul. 2021.

Na literatura, os temas sobrenaturais e de horror deram palco para a criação, em meados do século XIX, dos *penny blood*, chamados posteriormente de *penny dreadfuls*, que consistiam em histórias curtas, com episódios semanais de oito até dezesseis páginas, contendo crimes, narrativas de aventuras sobrenaturais ou histórias detetivescas (cf. FERNANDES & MOUSINHO, 2018, p. 136). As *penny dreadfuls* fizeram parte das ficções populares e de baixo custo que circulavam entre as classes sociais menos abastadas daquele período em que as consequências da Revolução Industrial do século anterior e o cientificismo misturavam-se com a moda do espiritualismo e com a morbidez estética representada pela monarca.

Além disso, as temáticas sobre as condições violentas das ruas de Londres começaram a aparecer em romances de autores populares como Charles Dickens (1812–

1870), autor de *Oliver Twist* (1837), romance cujo protagonista leva uma vida precária nos subúrbios londrinos. O fascínio pelo lúgubre e pelo trágico reverberou no sucesso de alguns gêneros literários como romances de *Newgate* e, posteriormente, dos romances de sensação.

Os romances de *Newgate* eram primordialmente baseados nas histórias do *Newgate Calendar* que, desde o século XVIII, apresentavam, em um tom mais conservador, a vida de criminosos condenados cujas punições serviriam de exemplo, além de centralizar nas classes mais baixas. No entanto, o romance de *Newgate*, que se desenvolveu nos decênios de 1830-1840, romantiza os protagonistas criminosos, apelando para o sentimentalismo do leitor. Para Pykett (2003, p. 20), os “heróis” do romance de *Newgate* eram personagens considerados vítimas dos problemas políticos e sociais do local em que estavam inseridos.

De acordo com seus críticos, eles romantizaram e glamourizaram o crime e as condições sociais baixas, e encorajaram a ter mais compaixão pelos criminosos do que com as vítimas do crime ao fazerem de seus criminosos o objeto de perseguição e ao centrarem em sua motivação ou psicológico<sup>3</sup>. (PYKETT, 2003, p. 20, tradução nossa)

Segundo Portilho (2009), o *Newgate Calendar* era uma das fontes de entretenimento da população, que buscava esse tipo de leitura por causa do fascínio por temas envolvendo crimes. Essa atração teve continuidade com o romance de *Newgate*, que “englobava uma série de relatos semifictícios e bastante exagerados das aventuras de salteadores e outros bandidos famosos, com uma certa admiração implícita ou explícita pelo criminoso. [...] e não tinham o cunho moralista do *Newgate Calendar*” (PORTILHO, 2009, p. 20).

O primeiro romance de *Newgate* foi *Paul Clifford* de Edward Bulwer Lytton (1803–1873), publicado em 1830 (PYKETT, 2003, p. 21). Porém, o mais famoso desse gênero foi *Jack Sheppard*<sup>4</sup> (1839) de William Harrison Ainsworth (1805–1882). O romance de Ainsworth foi publicado de forma seriada na revista *Bentley's Miscellany*, a mesma em que *Oliver Twist* teve sua primeira aparição. O romance supracitado de Dickens também é considerado um romance de *Newgate*, conforme sugere Pykett (2003, p. 21, tradução nossa): “*Oliver Twist* de Charles Dickens (serializado em *Bentley's Miscellany* de 1837-9) foi visto por contemporâneos como um romance de *Newgate* e foi atraído para o centro de uma nova fase da controvérsia em 1839-41”<sup>5</sup>. Popular, o romance

de Newgate sofreu também severas críticas, principalmente a partir de 1840. Dentre seus críticos mais ferrenhos estava o escritor William Makepeace Thackeray (1811–1863), que chegou a publicar um romance chamado *Catherine: A Story* (1839-40) parodiando os de *Newgate*.

A controvérsia sobre os romances Newgate, no modo como se desenvolveu na década de 1840, foi em parte um debate sobre o que poderia e não poderia (ou *deveria* e *não deveria*) ser representado no romance e sobre quais formas ou modos de representação eram apropriados no romance. Foi um debate sobre a natureza mutável e o *status* do romance, e sua relação com o que Thackeray chamou de “classes intermediárias” e outras formas culturais, além de uma disputa sobre o realismo ficcional.<sup>6</sup> (PYKETT, 2003, p. 31, tradução nossa)

As reservas com relação a esse tipo de romance recaíam principalmente sobre a problemática da possível empatia do leitor pelos criminosos e sobre como esse tipo de romance era tido como inferior por atacar a moral tanto das classes altas quanto das baixas<sup>7</sup>.

A vida desses personagens que desafiavam a ética transformou-se em uma tendência literária que pode ser denominada de *crimemania*. Para Portilho (2009, p. 21), esses romances também podem ser considerados, em certa medida, “um dos precursores do romance policial, no sentido de que fomentava um interesse por narrativas emocionantes sobre um pano de fundo de atividades criminais”.

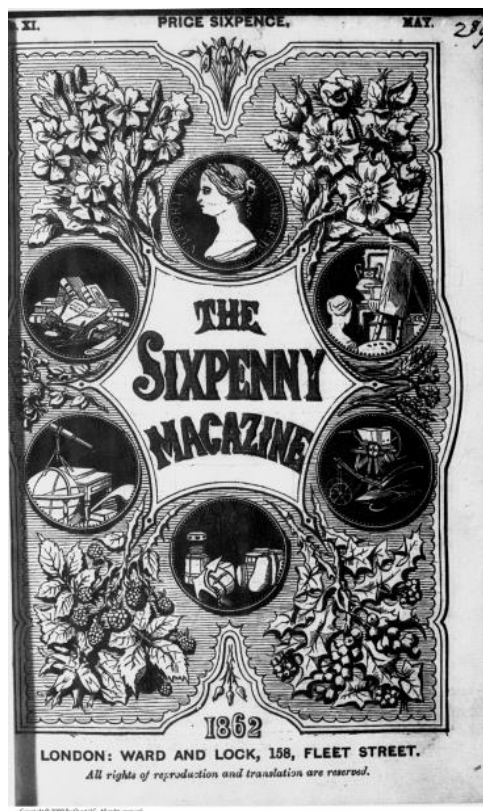
Cabe assinalar que as narrativas de *Newgate* faziam parte de um conjunto de produções baratas que começaram a se popularizar naquele período e que inclui também a “Misteriomania”, ou os “mistérios urbanos”, tais como *Os mistérios de Paris*, *Os Mistérios de Londres*, *Os Mistérios de Lisboa*, obras nas quais as misérias, as dificuldades e os crimes urbanos das grandes cidades estão no centro da cena<sup>8</sup>.

Outro gênero literário que fez grande sucesso na Era Vitoriana por trazer temas criminais ou mistérios foram os romances de sensação – *sensation novels*. Os romances de sensação surgiram na Inglaterra na década de 1860, apoiando-se nas notícias publicadas em periódicos vendidos por preços módicos. Segundo Hughes (2002, p. 260), acreditava-se que os romances desse gênero colocavam os personagens em enredos que envolviam situações “sensacionais” de medo, angústia, susto, que poderiam invocar reações como “choque de nervos, sensação de formigamento nos dentes, pressão arterial elevada e até mesmo excitação sexual”<sup>9</sup>.

Assim como nos romances de *Newgate*, também era comum encontrar nos romances de sensação personagens ou tramas baseadas em casos reais; porém, na trama do romance de sensação, os personagens não eram extraídos do *Newgate Calendar*, mas das manchetes dos jornais contemporâneos, principalmente das notícias que tivessem causado alguma comoção popular, como acontecia com notícias de assassinatos ou sequestros.

As três primeiras aparições desse gênero aconteceram de forma serializada em periódicos populares. O primeiro deles foi o romance *The woman in white*, de Wilkie Collins (1824–1889), publicado nos anos de 1859 e 1860 na revista de Charles Dickens, *All the Year Round*<sup>10</sup>. O segundo romance foi *East Lyme*, da autoria de Ellen Wood (1814–1887), publicado entre 1860 e 1861 em *The New Monthly Magazine*<sup>11</sup>; e o terceiro é o romance mais famoso de Mary Elizabeth Braddon (1835–1915), o popular *Lady Audley's Secret*, que foi inicialmente publicado em 1861 na revista *Robin Goodfellow*<sup>12</sup> e, posteriormente, em 1862, em *Sixpenny Magazine* (BUFALARI, 2018, p. 17). *Lady Audley's Secret* foi o primeiro de muitos *sensation novels* produzidos por Braddon. Esse romance traz em sua trama os temas da bigamia, tentativa de assassinato e dupla personalidade.

**Imagem 2:** Capa de *The Sixpenny Magazine* de 1862 onde *Lady Audley's Secret* foi publicado



Fonte: <https://maryelizabethbraddon.com/queens-gambit-m-e-braddon-inspector-f-and-the-sixpenny-magazine/#imageclose-348>

O romance de sensação, ainda que extremamente criticado, fez sucesso tanto entre os trabalhadores londrinos quanto entre os integrantes de classes mais abastadas. Diferentes classes sociais renderam-se à leitura dos romances de sensação: o mesmo romance que era lido pelo primeiro-ministro e pelo príncipe de Gales também era lido pelos criados que os serviam (cf. BADINJKI, 2013, p. 14).

Talvez a explicação para essa recepção por leitores das classes média e alta deva-se à própria construção dos enredos dos romances de sensação. Os temas mais comuns desse tipo de romance envolviam mistérios e crimes como assassinatos, adultérios, bigamias, falsificações, envenenamentos e chantagens, a maior parte deles cometidos não por bandidos condenados, mas por homens e mulheres que aparentemente viviam sob a tranquilidade e o privilégio dos lares burgueses. Era uma representação tortuosa da burguesia, ou do que havia em seu lado obscuro.

Uma das principais diferenças entre eles [romance de Newgate] era a de que a ficção sensacional tratava do crime e da transgressão das classes alta e média

em um cenário moderno (e não histórico). No romance de sensação, a cena do crime era mais provavelmente o lar do que a estrada, a sala de visitas, e não o antro de bebidas. O romance de sensação não retratava o submundo do crime, mas explorava o lado sombrio da sociedade respeitável: a família é o local do crime, e os segredos de família são responsáveis pela maioria das complicações da trama, e, na maioria dos casos, o crime e a punição circulam inteiramente dentro da família.<sup>13</sup> (PYKETT, 2003, p. 32, tradução nossa)

Mary Elizabeth Braddon, o grande nome da literatura de sensação, em uma carta de dezembro de 1872 dirigida a Edward Bulwer-Lytton (1803–1873), confessa inspirar-se no *Newgate Calendar*. Comentando as preferências do público leitor inglês da metade do século XIX, ela afirma que nada vende mais do que histórias envolvendo crimes, como é o caso de dois de seus romances, *Lady Audley's Secret* e *Henry Dunbar*, narrativas cujos protagonistas são acusados de tentativa de assassinato.

Estou dando tratos à bola – ou tentando fazer isso – em busca de um farrapo de trama no qual pendurar três volumes de palavras. A pior parte do negócio é que os livros que têm assassinatos – Lady A. & H. Dunbar –, com todo o interesse concentrado no assassinato, vendem melhor do que qualquer outro, e os críticos dizem “Você não deve fazer nenhum assassinato”. No entanto, acho que desta vez farei mais uma vez meu mergulho no saco da sorte do *Newgate Calendar* – eu imagino que, como o pobre Dickens não viveu para terminar *Edwin Drood*, a trama está, de certo modo, aberta ao público.<sup>14</sup> (WOLFF, 1974, p. 158, tradução nossa)

Na literatura de sensação, todos eram potenciais suspeitos e capazes de solucionar os mistérios. Os protagonistas de romances de sensação não seriam criminosos famosos cujas vidas serviriam como exemplo da punição pelo Estado, como acontecia nos romances de *Newgate*, mas pessoas comuns, que poderiam pertencer às classes sociais mais elevadas, que escondiam segredos e poderiam ou não pagar por seus crimes.

Os romances de sensação, por conta da atmosfera vitoriana de interesse nos mistérios, têm uma forte ligação com os romances góticos do século XVIII, pois a união entre o macabro e o fascínio para causar deleite esteve presente na literatura gótica setecentista e, posteriormente, apareceu na literatura sensacional do século XIX, ainda que repaginada. Se nos romances góticos de Horace Walpole (1717–1797), por exemplo, eram comuns histórias passadas em castelos assombrados, nos romances de sensação, as mansões burguesas guardavam iguais perigos, envolvendo, contudo, seres deste plano: “O lar vitoriano, considerado na imaginação popular da época o último refúgio contra as ameaças do mundo externo, tornou-se também uma prisão, cabendo aos romancistas de



sensação a tarefa de espreitar as coxias e narrar as encenações familiares” (BUFALARI, 2018, p. 28). Entretanto, para os autores de romances de sensação, valia a regra de situar a narrativa no tempo presente daquela sociedade, em diálogo com as notícias do dia a dia, diferentemente das narrativas góticas, ambientadas na Idade Média.

Segundo Piglia (2006, p. 76), há “uma passagem do universo sombrio do terror gótico para o universo da pura compreensão intelectual do gênero policial. Continuamos discutindo sobre os mortos e a morte, mas o criminoso substitui os fantasmas”. De certa maneira, poderíamos estender essas considerações também para os romances de sensação, que mantêm íntima ligação com o romance policial por conta de a base comum entre os dois gêneros envolver crimes e a presença de detetives.

Se o invólucro horripilante – castelos em ruínas em montanhas desoladas, onde a tempestade uiva e a lua lança uma luz incerta – do conto gótico é retirado, resta um cerne similar ao do romance de detetive: vários fenômenos estranhos e inexplicáveis se tornam pistas para conexões secretas, as quais se revelam, aos poucos, consequências ou presságios de crimes terríveis, cujas raízes estão enterradas no passado e que são resolvidos no final, quando o criminoso é desmascarado e levado à Justiça. Surge daí a relação entre Gótico e mistério: traços góticos perpassam quase todas as histórias de crime, assim como crimes, especialmente no passado, motivam quase todas as histórias góticas. (JEHA, 2014, p. 4-5)

A ficção de sensação também foi responsável pela inserção da figura do detetive na literatura inglesa, pois apresentava personagens, amadores ou profissionais, que eram capazes de desvendar um crime utilizando métodos dedutivos. Em várias narrativas de Mary Elizabeth Braddon e Wilkie Collins, é possível encontrar algum personagem detetive, sejam homens e mulheres comuns ou policiais da Scotland Yard. Essa nova figura, que surgiu no cotidiano dos vitorianos após a criação do departamento de detetives da Scotland Yard em 1842<sup>15</sup>, era ao mesmo tempo adorada e rechaçada pela sociedade inglesa, pois, se por um lado os detetives representavam a modernidade na resolução de casos, por outro, eram acusados de invadir a privacidade dos lares vitorianos.

O sargento Jonathan “Jack” Whicher (1814–1881)<sup>16</sup>, um dos oito integrantes do primeiro esquadrão de detetives, serve de exemplo acerca das representações sobre a profissão de detetive na literatura. Whicher tornou-se um dos modelos para a criação de personagens detetives nas ficções de Wilkie Collins e Charles Dickens. Um de seus casos foi base para a criação de *The Moonstone* (1868), de Collins<sup>17</sup>, que, além de ser um romance de sensação, também é considerado pela historiografia literária o primeiro

romance policial inglês. Os detetives da vida real, de modo geral, tornaram-se personagens de inúmeras *sensation novels*, incluindo o romance *Henry Dunbar; the story of an outcast*, de Mary Elizabeth Braddon, que conta com o Agente Henrique Carter, da Scotland Yard.

De modo geral, o crime interessa tanto ao cidadão vitoriano que até mesmo autores e autoras não ligados exatamente à ficção policial ou de sensação, como George Eliot (1819–1880), que apresenta um assassinato em *Middlemarch* (1872), passam a escrever narrativas contendo algum elemento capaz de contemplar qualquer tipo de crime ou o próprio criminoso (cf. SCHWARZBACH, 2002, p. 229). Os leitores ingleses, como vimos no trecho da carta de Mary Elizabeth Braddon, satisfaziam-se com esse tipo de assunto, o que permite compreender o romance de Newgate e o romance de sensação como frutos de sua própria época, tratando de temas que rondavam as mentes e também amedrontavam os corações dos súditos da Rainha Vitória. Ler um romance de sensação e ler uma manchete de jornal em meados de 1860 poderia ter o mesmo efeito macabro e delicioso para quem, independentemente de sua classe social, resolvesse embarcar na leitura, tamanha era a relação entre o gênero sensacional e as notícias bizarras anunciadas pela imprensa periódica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prosa de ficção da Era Vitoriana foi marcada pela forte ligação com os periódicos e com o imaginário contemporâneo. Os crimes que aconteciam nas ruas de Londres e que apareciam nas manchetes dos jornais sensacionalistas que abalavam os leitores poderiam se tornar matéria para escritores de diversos tipos de narrativas.

Do romance de Newgate até o romance de sensação, os crimes ou os criminosos tiveram um lugar privilegiado na literatura popular vitoriana. No romance de Newgate, importava mais a figura do criminoso que, além de se tornar protagonista, também representava as classes sociais mais baixas da Inglaterra do século XIX. Após o declínio desse tipo de literatura em meados de 1840, outro tipo de narrativa dominaria o tema criminal: os romances de sensação.

A grande diferença entre o romance de Newgate e o de sensação é a questão de classes, pois na prosa ficcional surgida em 1860 os crimes, que poderiam ser desde um

assassinato até casos de bigamia e falsificação, aconteciam dentro dos lares burgueses e eram cometidos por figuras que detinham maior poder aquisitivo. A literatura de sensação também foi responsável por conter em suas tramas a investigação policial e a inserção de personagens detetives que eram baseados nos profissionais que trabalhavam para o departamento de detetives da Scotland Yard. O romance de sensação manteve-se extremamente popular nas décadas de 1860 e 1870, principalmente por conta de seu suporte material, já que as narrativas eram serializadas em periódicos baratos e de ampla circulação. Esses romances eram posteriormente publicados em livros e traduzidos.

A popularidade do romance de sensação aparentemente ainda continua se considerarmos as atuais traduções dos romances mais famosos desse gênero, como *The Woman in White*, o primeiro romance de sensação de Wilkie Collins, que teve várias versões em língua portuguesa e também fez parte de gabinetes de leitura brasileiros no século XIX<sup>18</sup>.

## Referências

BADINJKI, Taher. The Sensation Mania and the Victorian Psychological Underworld. *International Journal of Humanities and Social Science*, vol. 3, n. 2., p. 12-15, 2013.

BUFALARI, Fernando Moreira. *O romance de sensação: um estudo sobre The Woman in White*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, Auricélio Soares; MOUSINHO, Luiz Antonio Magalhães. Penny Dreadful: um pastiche gótico. *Todas as Musas*, Ano 9, n. 2, p. 135-142, 2018.

HELOISA, Marcia. (Org.). *Vitorianas Macabras*. São Paulo: DarkSide Books, 2020.

HUGHES, Winifred. The Sensation Novel. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. *A companion to the Victorian novel*. Blackwell Publishers, 2002. p. 260-269.

JEHA, Julio Cesar. As ligações criminais do Gótico. *Revista Soletras*. Dossiê, n. 27, p. 1-10, 2014.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PORTILHO, Carla de Figueiredo. *Detetives ex-cêntricos: um estudo do romance policial produzido nas margens*. 2009. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

PYKETT, Lyn. The Newgate novel and sensation fiction, 1830–1868. In: PRIESTMAN, Martin. *The Cambridge companion to crime fiction*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 19-40.

SCHWARZBACH, F. S. Newgate Novel to Detective Fiction. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. *A companion to the Victorian novel*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2002. p. 227-243.

SUMMERSCALE, Kate. *As suspeitas do sr. Whicher: a história real de um dos crimes mais chocantes da Inglaterra vitoriana e do detetive que inspirou Charles Dickens e Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THE ILLUSTRATED POLICE NEWS: ‘THE WORST NEWSPAPER IN ENGLAND’. *British Newspaper Archive* (BNA). 2016. Disponível em: <https://blog.britishnewspaperarchive.co.uk/2016/04/19/the-illustrated-police-news-the-worst-newspaper-in-england/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

THÉRENTY, Marie-Ève. Misteriomania: difusão e limites da globalização cultural no século XIX. *Revista Escritos*, Ano 8, n. 8, p. 27-43, 2014.

WOLFF, Robert Lee. *Devoted disciple: The letters of Mary Elizabeth Braddon to Sir Edward Bulwer-Lytton, 1862-1873 (concluded)*. Harvard Library Bulletin XXII (2), April 1974, p. 129-161. Disponível em: <https://nrs.harvard.edu/URN-3:HUL.INSTREPOS:37363651>. Acesso em: 26 jul. 2021.

Recebido em: 08/02/2022

Aceito em: 22/03/2022

---

<sup>1</sup> Margaret Waters foi condenada e enforcada em 1870 pela morte de 19 crianças que foram deixadas sob a sua tutela na época em que era responsável por uma *baby farm*, local em que bebês eram deixados em troca de dinheiro. Já o caso do Assassino do Torso refere-se a uma série de assassinatos entre 1887 e 1889 em que partes do corpo de mulheres eram encontradas dentro de trouxas de pano próximas ao rio Tâmisa; o criminoso nunca foi pego. Jack, o Estripador foi um dos mais famosos *serial killers* da Era Vitoriana. Sua atuação ocorreu em 1888 no distrito de Whitechapel, onde cinco mulheres foram brutalmente mortas entre agosto e novembro; a identidade do assassino também nunca foi confirmada.

<sup>2</sup> “The Illustrated Police News was one of Britain’s very first tabloids and one of the first periodicals to tap into the British public’s morbid appetite for crime and sensation.”

<sup>3</sup> “According to their critics, they romanticised and glamorised crime and low life, and invited sympathy with criminals rather than with the victims of crime by making their criminal subjects the hunted object of a chase, by focusing on their motivation or psychology.”

<sup>4</sup> Segundo Pykett (2003, p. 29), esse romance teve mais de 300 cópias vendidas quando foi publicado em volume e foi adaptado para o teatro no mesmo ano de sua publicação serializada, em 1839.

<sup>5</sup> “Charles Dickens’s *Oliver Twist* (serialised in *Bentley’s Miscellany* from 1837–9) was seen by contemporaries as a Newgate novel and was drawn into the centre of a new phase of the Newgate controversy in 1839–41”

<sup>6</sup> “The Newgate controversy as it developed in the 1840s was in part a debate about what could and could not (or *should* and *should not*) be represented in the novel, and about what *forms* or *modes* of representation were appropriate to the novel. It was a debate about the changing nature and status of the novel, and its relationship with what Thackeray called the ‘middling classes’ and to other cultural forms, and it was also a contest about fictional *realism*.”

<sup>7</sup> Em 1839, Lord Melbourne (1779–1848), o então primeiro-ministro da Inglaterra, desestimulou a Rainha Vitória de ler *Oliver Twist*, alegando que o livro possuía uma baixeza na qualidade e um efeito moral negativo (SCHWARZBACH, 2002, p. 227).

<sup>8</sup> A *Misteriomania*, segundo Thérenty (2014), foi um fenômeno de uma série de publicações de diversos países que descreviam as áreas marginalizadas das grandes cidades, apresentando as misérias, crimes e dificuldades sociais. O primeiro e mais famoso dos mistérios urbanos foi *Les Mystères de Paris* (1842–43) do francês Eugène Sue (1804–1857). A versão inglesa ficou por conta de George W. M. Reynolds (1814–1879) com título *The Mysteries of London* (1844).

<sup>9</sup> “shocked nerves, teeth on edge, elevated blood pressure, and even sexual arousal.”

<sup>10</sup> Editado por Dickens e seu filho, ficou em circulação entre 1859 até 1888.

<sup>11</sup> Fundada por Henry Colburn, teve sua circulação de 1814 até 1884.

<sup>12</sup> Fundada por John Maxwell em 1861, teve *Lady Audley’s Secret* como primeira publicação, mas a revista foi descontinuada antes mesmo de serializar o romance completo.

<sup>13</sup> “One of the main differences between them [romance de Newgate] was that sensation fiction dealt with upper- and middle-class crime and transgression in a modern (rather than an historical) setting. In the sensation novel the scene of the crime was more likely to be the home than the road, the drawing room rather than the drinking den. The sensation novel did not depict the criminal underworld, but rather it explored the dark underside of respectable society: the Family is the locus of crime, and the secrets of the family are responsible for most of the plot complications, and in most cases crime and punishment circulates entirely within the family.”

<sup>14</sup> “I am racking my own brain – or trying to rack it – in search of a rag of plot whereon to hang three volumes of words. The worst part of the business is that the books with murders in them – Lady A. & H. Dunbar – the whole interest centering in the murder – sell better than any others, & the critics say Thou shalt do no murder. However, I think this time I shall once more make my dip in the lucky bag of the Newgate Calendar – I fancy, as poor Dickens did not live to finish *Edwin Drood*, the plot is in a manner thrown open to the public.”

<sup>15</sup> Segundo Kate Summerscale (2009), a criação do departamento de detetives da Scotland Yard começou quando dois comissários da *Metropolitan Police Service* de Londres pediram permissão para constituir uma “força de elite” que incluiria policiais à paisana, sem fardas e que “deviam se misturar, escutar, circular pelos pubs frequentados por criminosos e no meio da multidão” (SUMMERSCALE, 2009, p. 82). Assim, com a nomeação de oito policiais para ocuparem o posto, o departamento foi instaurado. As funções dos oito detetives não consistiam em impedir que crimes acontecessem, mas sim de investigar e solucionar os casos já ocorridos, examinando as pistas e interrogando testemunhas e suspeitos.

<sup>16</sup> Um dos mais famosos casos de Whicher foi o de Road Hill, em 1860, em que o detetive acusou a adolescente Constance Kent de assassinar seu irmão Saville Kent, de 3 anos. A moça foi inocentada inicialmente e Whicher sofreu perseguição da opinião pública por conta da acusação. Apenas em 1868 Constance Kent confessou o crime.

<sup>17</sup> *The Moonstone*, considerado o primeiro romance policial inglês, foi inspirado no caso de Road Hill.

<sup>18</sup> No acervo do Grêmio Literário Português do Pará, gabinete de leitura fundado em 1867 em Belém, encontra-se a tradução portuguesa de 1876 *The Woman in White* intitulada *O phantasma branco*, publicada em Lisboa em quatro volumes.